

O espectáculo do mundo abriu-se sobre o *Grand Tour* de Miguel Gomes

Vasco Câmara, em Cannes, Público, 23 de maio de 2024

Uma "explosão de clorofórmio cinematográfico para acalmar" a competição de Cannes depois do desfile — o gosto é do *site Deadline*, presume-se que são estes os seus encantos... — de *Emilia Perez*, de Jacques Audiard, *The Substance*, de Coralie Fargeat, ou *Adora*, de Sean Baker. Para quem se sentiu entorpecido pelo filme, este foi um dos vapores libertados por *Grand Tour*, de Miguel Gomes. Diz a publicação *online* dedicada ao entretenimento que a odisseia do cineasta português pelo Extremo Oriente é suficientemente "oblíqua" para exigir a ajuda "das notas de imprensa crípticas" que acompanham *Grand Tour*. Segue-se, no relato do *Deadline*, um exercício de auto-derrisão que é puramente instrumental: os "admiradores" de Miguel Gomes asseguram uma "pequena mas dedicada audiência para as suas sofisticadas meditações sobre a história e a cultura"; os outros terão trabalho duro pela frente. Mas nem todos cheiraram o mesmo. Houve quem encontrasse vapores desentorpecedores. Miguel Gomes "aprofunda a sua marca de um cinema inclassificável e calcorreador do mundo", segundo a *Hollywood Reporter*; "pode fazer levitar" aquele tipo de espectadores que ao ver *Grand Tour* encontra "uma razão para se voltar a apaixonar por este mundo": na *Variety*, o filme é mesmo "um bálsamo para estes tempos difíceis".

E o *Guardian*: "Mais uma vez o autor português Miguel Gomes entrega um filme em que a sofisticação mais complexa coexiste com inocência e charme" e que, "completamente ao contrário de outro filme da competição de Cannes, nos deixa com um sorriso gentil e perplexo no rosto".

Bizarro: desta vez a imprensa anglo-saxónica é que se deslumbrou. Os franceses foram difíceis de agradar. A *Première* é curta e grossa, mas isso é habitual: "uma ficção sem grande interesse". O *Libération*, quase sempre "amigo" mas tendo de enfrentar a sua própria natureza flutuante, considera o filme "um triste falhanço". A *Les Inrocks* destoa: *Grand Tour* é "um fresco sobre a cobardia masculina". Aqui Gonçalo Waddington poderia pedir para discordar. A sua personagem no filme, Edward, que há sete anos anda a fugir da noiva, Molly (Crista Alfiate), desaparecendo por sete países da Ásia, da antiga Birmânia à China, "não é um covarde". Não foi assim que ele o interpretou, disse-o esta manhã na conferência de imprensa de *Grand Tour*. Explicou Edward com modos proustianos: "Amo-a porque ela não está comigo."

Miguel Gomes tinha pegado em *The Gentleman in the Parlour: a Record of a Journey from Rangoon to Haiphong* (1930), de Somerset Maugham, diário de viagens, livro sobre cidades, sobre paisagens. Às tantas, em duas páginas, o escritor conta a história de um britânico que fugiu da perspectiva de um casamento infeliz. O realizador desenvolveu essa pequena anedota. Fazendo uma "proposta indecente" à sua produtora, Filipa Reis: viajar pela Ásia com os argumentistas Mariana Ricardo, Telmo Churro e Maureen Fazendeiro para recolher um arquivo de imagens e só depois ser escrita a história de Edward e Molly, noivos em 1917.

Essa parte do filme seria rodada em estúdio em Roma com os cenários a cargo dos brasileiros Tales Junqueira e Marcos Pedroso (trabalharam com Kleber Mendonça Filho e Karim Aïnouz). Houve três directores de fotografia: Rui Poças para a parte em estúdio, o tailandês Sayombhu Mukdeeprom (do cinema de Apichatpong Weerasethakul ou de Luca Guadagnino) para as imagens do périplo asiático, e o chinês Gui Liang para a parte rodada à distância, durante a pandemia, quando, impedido de entrar na China, o realizador português dirigiu, por artes da tecnologia, uma equipa em Xangai.

"É um filme sobre a crença", disse o realizador. "Há alguém que não acredita muito", a personagem de Edward, "e uma mulher que aparentemente acredita muito, de forma desrazoável", Molly. Com a sua mistura de realismo e de artifício, a proposta de *Grand Tour* é que os "espectadores acreditem como crianças" no espectáculo do mundo.